

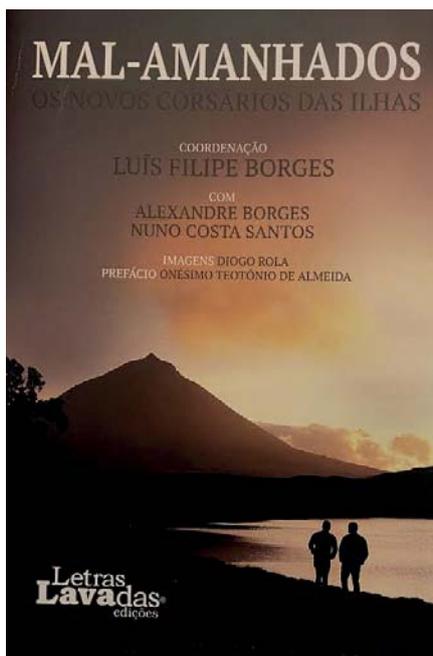


Onésimo Teotónio Almeida

Dois novos corsários das ilhas nos ecrãs da TV

A RTP-1 está a passar aos sábados de manhã, pelas 11 horas, a série “Mal-Amanhados”, uma criativa revisita de dois açorianos – Luís Filipe Borges e Nuno Costa Santos – às suas ilhas, armados em novos corsários (alusão indirecta mas explícita a Vitorino Nemésio e ao seu livro de viagens sobre o arquipélago – *Corsário das Ilhas*). Transmitida nos Açores no ano passado, é a primeira vez que, depois de “Xailes Negros”, de Zeca Medeiros, na década de 80, uma produção açoriana consegue chegar aos ecrãs nacionais. Afinal, nem tudo é contável como desgraça nestes dias de confinamento por causa do Covid-19.

Os realizadores e personagens carregaram às costas um pesado saco de perguntas e dispuseram-se a viajar pelas ilhas pensando nas respostas a transmitir. Conscientes – é claro – de que os consumidores imediatos iriam ser os próprios açorianos de fora e de dentro, pois não faltam patrícios ilhéus algo desatentos ao que acontece para além da sua própria ilha. Assumindo tal regresso como um gesto de meia-idade, encarnaram ambos esse papel de interessados em reconhecer, mas igualmente conhecer melhor, o mundo onde cresceram e de que se afastaram, não esquecendo, porém, que ele não ficou estático. Quiseram tomar-lhe o pulso, auscultar-lhe as mudanças e, em simultâneo, mergulhar nos poços de mesmidade que as ilhas tão ciosamente sabem conservar. Muito embora as personae desses viajantes em regresso surgissem supostamente como ficcionais, de tão chãs e creíveis, todavia, revelaram existir em ambas muito de autêntico: o Nuno, de compenetrada reserva, controlava as suas reacções imediatas perante o que via e ouvia, por vezes deixando apenas transparecer no semblante que interiormente as ruminava, desculpando-se com a promessa de arquivá-las no seu caderno de apontamentos para as converter mais tarde em prosa ou poesia; o Luís Filipe, de verbo rápido a exteriorizar de pronto o que sentia ao menor toque de uma impressão, surgia como o jovem traquinas fascinado pelo novo, ou pelo que conhecia quase apenas em teoria, genuinamente empenhado na experimentação de tudo. Mas os dois revelando sempre – e, se um rosto não mente, as imagens da câmara intensificam o que nele está estampado, prontas a desmascar o falso – uma congénita empatia face aos lugares visitados e às pessoas com quem entabulavam conversa. Graciosamente não-intrusivos, sabiam ouvir com o olhar, delicada e agilmente evitando intrrometer-se entre os entrevistados e os telespectadores. Tudo a fluir com uma naturalidade serena e lhana como a dos cenários envolventes. A preocupação de levar a cabo uma viagem de drone, que fosse representativa dos Açores de hoje, ficou obviamente reflectida na série de pessoas escolhidas para se sentarem à conversa num bar com um copo de permeio, ou num exterior, plantados em esplendorosa paisagem de fundo. A selecção mostrou-se diversificada, rica, informativa, colorida, mista e variada, nativa e da estranja, séria e divertida com humor qb, salpicada de rompantes ternos e humanos, reflexivos e poéticos, artísticos e musicais, com frequência surpreendentes, sen-



do a única nota monótona – se quiserem – o facto de tudo ter sido, no mínimo, sempre-SEMPRE interessante.

O resultado foi a mostragem de nove ilhas com personalidades vincadamente diferentes, arraigadas na sua história individual, porém abertas, arejadas, acolhendo não-nativos, adventícios a sentirem-se locais apesar dos engasgos nas estruturas sintáticas e nos sotaques, mais esbatidos nas músicas do que na fala, no entanto empaticamente assolapados à ilha que cada qual adoptou e de que já se sente parte.

Graças à Internet, pouco depois da emissão os programas eram disponibilizados e tornei-me deles agente publicitário. O êxito na diáspora norte-americana foi imediato. Não resisto à transcrição do comentário de Manuel Calado, um jornalista continental quase centenário, há décadas residente em New Bedford, e que foi casado com uma picoense. O e-mail falava assim:

Não calcula a emoção com que vi este magnífico programa sobre o Pico. Tenho visto vários sobre a Ilha Montanha, mas nenhum me tocou o íntimo como este. Entre tantas recordações, fez-me lembrar o “palrar” amoroso das cagaras, durante a noite, na cama com minha esposa, a dois passos do mar.

E não digo mais, porque as lágrimas me turvam a vista.

Nas semanas seguintes, já me perfilava nas noites de quinta-feira aguardando que o episódio ficasse disponível na Internet. E, de seguida, lá remetia a ligação para a uma centena de endereços açorianófilos espalhados pelo globo. Das reacções que fui recebendo, escolho esta de

uma fotógrafa já com eles na sua lista de viagens imaginadas:

O que mais gosto nos dois moços é que são mesmo... mal-amanhados! Se não estão a segurar um copo de vinho, um livro, a fazer festas num burro ou numa vaca... sobram-lhes as mãos! E isso, mais a criatividade e disparate descontraído, dão um bom tom à narrativa. E os convidados são maioritariamente inesperados. E depois não há local que não seja bonito.

O drone proporcionou-nos um olhar panóptico e sirvo-me dele para emblematizar o estilo desta viagem aos Açores. Falo por mim, que conheço quase os cantos todos de cada ilha e pude espriar-me na paisagem física, panorâmicas de fôlego exibindo rara beleza, lado a lado com ângulos inusitados do panorama social e cultural. Cada programa presenteia-nos com uma ilha em *highlights*, nada a ver com classificá-lo de *light*. Rimarei em inglês acrescentando ter sentido cada qual urdido a partir de uma série de *bites*, todos incisivos e reveladores. Impossível em cinquenta minutos captar-se o todo de uma ilha, contudo nunca o retrato foi superficial, ou *light*. Aqui em casa, a Leonor companheira de sofá nesse acto devoto diante de cada episódio, mais de uma vez perguntou no final: *Já acabou?* Semelhante pergunta, para além de significar o diluir-se da noção de passagem do tempo, implica em paralelo um desejo de ver, ouvir e conhecer mais sobre a ilha em foco naquela semana.

Não dá para recorrer metaforicamente à linguagem da minha adolescência e referir esses nove programas seguidos de *grand finale* como uma novena a desembocar numa festa, porque na verdade trata-se de uma festa-em-série.

O leitor poderá controlar o pressentimento de esta minha visão enfermar do mal de ser puramente de fora, por a realidade portas dentro lhe parecer bem mais cinzenta do que transparece nessa viagem dos “Mal Amanhados”.

Porque vivo no longe da Décima Ilha, para mais sem poder por enquanto regressar, os “Mal Amanhados” foram uma maneira de me apanhar com a presente situação e ir até ao arquipélago em drone guiado por essa criativa dupla Nuno - Luís Filipe, apanhada pela aventureira ideia de uma viagem de regresso à terra, algo que tantos e tantos cá fora gostariam de poder replicar. Razão abundada para agradeceremos ao duo o magnífico jeito concedido, as ilhas oferecidas de presente e o bom gosto impresso em tudo.

O entusiasmo do público levou a Letras Lavadas, editora de Ponta Delgada, a aceitar a proposta de edição de um livro com o mesmo título, *Mal-Amanhados* (350 páginas de texto e mais 64 de fotos) que se esgotou em poucas semanas e vai na segunda edição. Peças novas e aditamentos oferecidos pelos telespectadores em comentários enriquecem o volume. Coordenação de Luís Filipe Borges, com Alexandre Borges e Nuno Costa Santos, e imagens de Diogo Rola.

Gostosa televisão a conduzir a igualmente saborosas páginas de leitura.